

## **CAPACITISMO E PRECONCEITO**

**Autores:** Aline Westrup Alves, Daniela Ouriques Nunes Vicente, Graziela Mackowiesky e Brígido Bernado.

**Resumo:** Abordar a temática da deficiência, analisando suas diferentes interpretações ao longo da história, com ênfase no modelo social como ferramenta de compreensão. A partir dessa perspectiva, identificar as barreiras que perpetuam o capacitismo, preconceito que avalia os indivíduos com base na conformidade de seus corpos a um ideal de capacidade funcional, e discutir como essas barreiras limitam a inclusão e a igualdade de oportunidades para as pessoas com deficiência. Foi realizada uma pesquisa de campo e ação, utilizando roda de conversa e depoimentos de dois alunos e uma professora sem deficiência, após participarem da roda de conversa sobre o capacitismo. Os resultados obtidos pelos participantes, após a discussão sobre o tema e seus impactos, demonstraram avanços positivos. Os participantes adquiriram maior compreensão sobre o assunto e levaram esse conhecimento para diferentes contextos. A conscientização sobre o tema é de extrema importância, pois desempenha um papel crucial na eliminação das barreiras e do preconceito relacionados ao capacitismo no ambiente escolar e na sociedade. Este estudo evidenciou que o capacitismo envolve atitudes discriminatórias e preconceituosas em relação às pessoas com deficiência, gerando diversos problemas significativos, tanto no nível individual quanto social. Além disso, ficou claro que muitas pessoas praticam o capacitismo sem plena consciência do que ele é e do impacto que pode causar na vida das pessoas com deficiência. Nesse contexto, a pesquisa sugeriu que é essencial romper essas barreiras, sendo feito por meio de estratégias como conscientização, rodas de conversa, palestras, políticas públicas e uso dos meios de comunicação.

**Palavras-chaves:** Capacitismo. Deficiência. capacidade e preconceito.

### **1 Introdução**

O presente artigo tem por objetivo realizar breves considerações acerca do Capacitismo. A diversidade humana deve ser entendida como um conjunto de diferenças e particularidades que tornam cada indivíduo único e singular. Essas dissemelhanças não se limitam aos aspectos biológicos, mas englobam também as dimensões comportamentais, culturais e sociais, as quais, em sua pluralidade, formam a base de uma sociedade.

Os estudos sobre o direito das pessoas com deficiência não estão dissociados dos fatos históricos, reveladores que são da evolução da sociedade e da consequente edição de suas leis (Gugel, 2008, p. 1).

Ao longo dos anos, os conceitos relacionados às pessoas com deficiência estiveram frequentemente associados a questões como inclusão versus exclusão, segregação versus integração. A partir da década de 1990, passaram a ser criadas legislações específicas para indivíduos com características particulares, como a impossibilidade de enxergar, ouvir ou se locomover sem o auxílio de dispositivos, entre outras. O objetivo dessas normativas foi promover a inclusão social por meio da oferta de igualdade de oportunidades. Apesar da relevância dessas medidas legais, ainda é necessário aprofundar a reflexão e promover mudanças nos paradigmas que envolvem a estigmatização de indivíduos que fogem do padrão de corpo perfeito ou da mente ágil e inteligente, ou seja, daqueles tidos como deficientes. Sampaio e Ferreira (2019, p.25678), afirmam que: “Ao longo dos anos, os conceitos relacionados às pessoas com deficiência estiveram frequentemente associados a questões como inclusão versus exclusão, segregação versus integração”. A partir da década de 1990, passaram a ser criadas legislações específicas para indivíduos com características particulares, como a impossibilidade de enxergar, ouvir ou se locomover sem o auxílio de dispositivos, entre outras. O objetivo dessas normativas foi promover a inclusão social por meio da oferta de igualdade de oportunidades. Apesar da relevância dessas medidas legais, ainda é necessário aprofundar a reflexão e promover mudanças nos paradigmas que envolvem a estigmatização de indivíduos que fogem do padrão de corpo perfeito ou da mente ágil e inteligente, ou seja, daqueles tidos como deficientes. Sampaio e Ferreira afirmam que:

A forma como uma determinada sociedade entende a deficiência interfere definitivamente no modo que as pessoas com deficiência são tratadas. Ao longo da história do movimento político das pessoas com deficiência, conceitos e paradigmas foram e são alterados (Sampaio e Ferreira, 2019, p.25678).

São consideradas pessoas com deficiência aquelas que possuem atributos físicos ou mentais que as distanciam dos indivíduos considerados perfeitos, inseridos no padrão dominante de "normalidade". A falta de conhecimento sobre essa população e as ideias preconcebidas que circulam na sociedade, sustentam discriminações que geram impactos negativos na vida dessas pessoas, pois contribuem para a perpetuação de uma cultura capacitista. Segundo França:

As principais premissas que acompanham essa definição de deficiência postulam que: deficiência é uma situação, algo que sistematicamente acontece durante a interação social; a deficiência de ser erradicada. As pessoas com deficiência devem assumir o controle de suas próprias vidas (França, 2013, p. 62).

Este estudo desempenha um papel importante ao abordar o combate ao capacitismo, buscando estratégias para enfrentá-lo. O capacitismo pode afetar a vida das pessoas com deficiência de diversas maneiras, impactando seu cotidiano, suas oportunidades e sua inclusão na sociedade. Ao refletir sobre as formas de discriminação e exclusão enfrentadas por essas pessoas, é fundamental buscar maneiras de promover a conscientização, o respeito e a igualdade de oportunidades, garantindo que os direitos das pessoas com deficiência sejam efetivamente respeitados. Através do entendimento e da implementação de estratégias contra o capacitismo, podemos contribuir para uma sociedade mais justa e acessível para todos.

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Capacitismo: Definição e Perspectivas:

O capacitismo, derivado do termo americano *ableism*, está relacionado à concepção de que apenas o corpo "ideal" é considerado "normal", enquanto os corpos que apresentam variações são rotulados como deficientes. Dessa forma, o capacitismo se manifesta como discriminação e preconceito contra pessoas com deficiência. Essa atitude se revela de diversas maneiras, como: a infantilização de adultos com deficiência, tratando-os como incapazes, ou por meio da imposição de barreiras físicas que restringem ou dificultam sua participação autônoma no mercado de trabalho. Além disso, o capacitismo se reflete na falta de acessibilidade e na limitação de oportunidades educacionais e profissionais, o que compromete o pleno exercício dos direitos.

Segundo a definição de capacitismo presente no Glossário de Termos Relacionados à Acessibilidade e Deficiência da Câmara dos Deputados:

Capacitismo: ato de discriminação, preconceito ou opressão contra pessoa com deficiência. É barreira atitudinal. Em geral, ocorre quando alguém considera uma pessoa incapaz, por conta de diferenças e impedimentos corporais. O capacitismo está focalizado nas supostas 'capacidades das pessoas sem deficiência' como referência para mostrar as supostas 'limitações das pessoas com deficiência'. No capacitismo, a ênfase é colocada nas supostas 'pessoas capazes', as quais constituem a maioria da população e são supostamente consideradas 'normais' (Glossário de acessibilidade, [s.d.]).

O enfrentamento do capacitismo exige a eliminação das barreiras atitudinais criadas por pessoas sem deficiência, que dificultam a inclusão das pessoas com deficiência. Essas barreiras são formadas por atitudes preconceituosas que impedem o convívio social, restringem o acesso a espaços e dificultam a plena aceitação dessas pessoas na sociedade. Como resultado, muitos acabam considerando alguém incapaz apenas por apresentar uma

deficiência, perpetuando estigmas e limitando suas chances de participar plenamente da vida social.

O capacitismo está relacionado à concepção de um corpo "normal", ou seja, à ideia de que existe um padrão ideal de corpo, e que qualquer desvio desse padrão torna o indivíduo menos capaz de participar das atividades sociais. Por meio da educação e de políticas públicas, é possível desconstruir essa visão e promover a aceitação de corpos que não atendem aos padrões físicos, funcionais ou cognitivos estabelecidos. Dessa forma, o capacitismo pode ser visto como uma forma de opressão, que define o valor de uma pessoa com base na crença de que ela é incapaz de realizar diversas atividades, simplesmente por ter corpos ou mentes que não se enquadram no modelo considerado "normal".

## 2.2 A Deficiência na História: Uma abordagem enunciativa

Para Sasaki (2014, p. 10), "o capacitismo se baseia nas supostas 'capacidades das pessoas sem deficiência' como parâmetro para evidenciar as alegadas 'limitações das pessoas com deficiência'". Nesse contexto, a deficiência é semanticamente associada à incapacidade, desqualificação e menor valor. Embora o termo seja ainda pouco conhecido no Brasil, as crenças pejorativas relacionadas às pessoas com deficiência têm contribuído, ao longo do tempo, para o aumento da exclusão social, ao se converterem em barreiras que dificultam ou impedem as relações sociais e/ou profissionais dessas pessoas nas sociedades em que vivem.

O capacitismo se manifesta por meio de atitudes, tanto intencionais quanto não intencionais, que são internalizadas pela sociedade. Frequentemente, essas atitudes são insultuosas, seja de forma direta, como o uso de termos pejorativos, olhares ofensivos ou o afastamento físico, seja de maneira mais sutil, disfarçada em comportamentos aparentemente protetores, piedosos ou em elogios à capacidade de superação, entre outros. A cultura capacitista se revela em diversas manifestações, que, de uma forma ou de outra, reforçam a ideia de que certos grupos estão relacionados à fragilidade, incapacidade e dependência. Essas formas discriminatórias contribuem para a perpetuação de um imaginário social que associa as pessoas com deficiência à limitação, consolidando estigmas que ainda influenciam a forma como esses indivíduos são vistos e tratados na sociedade.

## 2.3 A Ciência da Informação

A produção e disseminação de informações, como já enfatizado, desempenham um papel crucial na transformação do contexto histórico, especialmente no que diz respeito às atitudes e práticas associadas ao capacitismo, além de contribuir para a mudança da

percepção da deficiência como algo negativo. Isso se dá por meio de leis e procedimentos que demonstram o apoio da sociedade à inclusão. No âmbito das áreas da Ciência da Informação, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, por exemplo, a adoção de uma linguagem livre de expressões capacitistas em resumos, palavras-chave e outros produtos informacionais relacionados a essas disciplinas, pode colaborar significativamente para a redução dessas concepções prejudiciais e, conseqüentemente, para o avanço de uma sociedade mais inclusiva.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI), Lei nº 13.146 de 2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), tem como objetivo garantir e promover, em igualdade de condições, o pleno exercício dos direitos e liberdades fundamentais das pessoas com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Nesse contexto, a deficiência é entendida como resultado da interação entre o indivíduo com um impedimento de longo prazo — de natureza física, mental, intelectual ou sensorial — e as barreiras de acessibilidade impostas pelo ambiente, especialmente pelo Estado e pela sociedade. No que se refere à "barreira", compreende-se qualquer obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação plena da pessoa com deficiência na sociedade e o exercício de seus direitos.

Seron *et al.* (2021, p. 4) afirmam que “o modelo social compreende a deficiência como uma forma particular de opressão social em que as desvantagens sociais são decorrentes de contextos e ambientes pouco sensíveis à diversidade”. Em outras palavras, a deficiência não reside no corpo, mas nas barreiras sociais que o cercam. Se o problema está na sociedade e no ambiente, é necessário que ambos se transformem. Nesse sentido, Augustin complementa que:

Se um usuário de cadeiras de rodas não pode usar um ônibus, o ônibus deve ser redesenhado. Desta forma, esse modelo aponta a eliminação das barreiras atitudinais, físicas e institucionais, buscando melhorar a vida das pessoas com deficiência, dando-lhes oportunidades que os outros numa base equitativa. Levada à sua conclusão lógica, não haveria deficiência dentro de uma sociedade plenamente desenvolvida (Augustin, 2012, p. 56).

É claramente perceptível que a discriminação está profundamente enraizada em nossa sociedade, manifestando-se por meio de crenças estigmatizantes em relação às pessoas com deficiência, apesar das campanhas de conscientização e das diversas iniciativas para promover a inclusão. Sendo assim, Seron *et al.* (2021, p. 3), descrevem que “A deficiência sempre foi equivocadamente compreendida como um padrão anormal da existência humana”. No entanto, é possível constatar, em especial nas duas últimas décadas, um significativo avanço com relação a legislação sobre a garantia de direitos de acesso de pessoas com essa condição nas mais diversas atividades sociais, [...]” (Seron *et al.*, 2021, p. 3). Apesar dos

avanços promovidos por movimentos em defesa dos direitos das pessoas com deficiência, ainda há muito a ser feito. A discriminação e o preconceito nunca foram superados, pelo contrário, continuam a estar presentes tanto na sociedade do passado quanto na contemporânea.

#### 2.4 As deficiências e o Capacitismo

Surge, entre as pessoas com deficiência seja ela físico, motora, visual, auditiva, intelectual ou de outra natureza, a percepção de que são inferiores em comparação aos indivíduos sem deficiência. Mello e Cabistani, (2019, p. 120) afirmam que o preconceito com “pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, já que as diferenças são vistas como carência, falta ou impossibilidade”.

Para Vendramin (2019, p. 17) “Capacitismo é a leitura que se faz a respeito de pessoas com deficiência, assumindo que a condição corporal destas é algo que, naturalmente, as define como menos capazes”. O capacitismo se manifesta em ações cotidianas, muitas vezes sutis, que ofendem aqueles considerados "anormais", intensificando o processo de exclusão social. Isso ocorre quando são impostas barreiras que dificultam ou impedem a interação dessas pessoas com o seu meio social, marginalizando-as ainda mais.

Nesse contexto, a deficiência está intimamente ligada à noção de normalidade, à sua historicidade e aos aspectos culturais que a cercam. Dessa forma, torna-se evidente como a sociedade impacta a qualidade de vida das pessoas, ao adotar um modelo social de convivência que caracteriza a "deficiência" de maneira excludente, tratando o indivíduo como incapaz de realizar tarefas de forma autônoma, ignorando, assim, suas potencialidades. Mello afirma que:

(...) o que as pessoas com deficiência não são capazes de ser e fazer para serem consideradas plenamente humanas. Isto é, esquece-se que as pessoas com deficiência podem desenvolver outras habilidades não agregadas a sua incapacidade biológica (não ouvir, não enxergar, não andar, não exercer de forma plena todas as faculdades mentais ou intelectuais, etc.) e serem socialmente capazes de realizar a maioria das capacidades que exige de um “normal”, tão ou até mais que este (Mello, 2014, p. 94).

Assim, reafirmamos que atitudes capacitistas podem se manifestar de maneira direta, como bullying e violência física, ou de forma indireta e igualmente prejudicial, por meio da superproteção e da exclusão, disfarçadas como uma tentativa de "proteger" o indivíduo.

Portanto, o capacitismo é uma atitude baseada em um julgamento moral, que se concentra exclusivamente na capacidade e funcionalidade das estruturas corporais, visando avaliá-las. Nesse sentido, é fundamental a análise das questões culturais e sociais para

estimular discussões que busquem e viabilizem a construção de uma sociedade mais justa, que valorize e respeite as diferenças entre os indivíduos.

## 2.5 Metodologia

### 2.5.1 Tipos de Pesquisa

Este estudo se deu por meio de uma pesquisa de campo ação e qualitativa sobre capacitismo por meio de rodas de conversas e também depoimentos realizados com pessoas sem e com deficiência, além da análise de documentos e uma revisão da literatura pertinente sobre o tema.

### 2.5.2 Caracterizações da População e Amostra

O público alvo deste trabalho foi realizada com pessoas sem deficiência. Esses dados foram formados por dois alunos sem deficiência e uma professora da Escola de Educação Básica São Ludgero, com idade entre 17 e 45 anos, que participaram da roda de conversa na Apae de São Ludgero (CAESP) sobre o tema Capacitismo.

### 2.5.3 Métodos de Coleta de Dados

Os dados foram coletados a partir de depoimentos dos alunos e da professora, além da revisão de literária, onde pode-se perceber como o capacitismo afeta a vida da pessoa com deficiência. Alguns objetivos específicos foram elencados para entender as experiências de pessoas com deficiência: Investigando como essas pessoas vivenciam o capacitismo no cotidiano, seja no ambiente de trabalho, na educação, nos espaços públicos ou em outros contextos; analisar a percepção de indivíduos sem deficiência; Compreender como pessoas sem deficiência percebem e reagem ao capacitismo, bem como identificar preconceitos ou estereótipos que possam existir e identificar fatores que contribuem para o capacitismo.

### 2.5.4 Descrição da Aplicação da Roda de Conversa sobre o Capacitismo

A análise das práticas relacionadas ao combate ao Capacitismo no contexto da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), envolvendo os alunos da rede regular de ensino nas turmas de 3ª série do Ensino Médio e 9º anos e professores e alunos da APAE da turma SEVIL e PROEP, onde no mês de agosto de 2024 foi realizado uma roda de conversa com esses alunos, promovendo trocas de experiências entre os alunos e

professores. Durante essas rodas de conversas realizadas a professora D. e a professora A abordaram iniciando o tema sobre capacitismo, após os alunos das turmas PROEP e SEVIL deram continuidade explanando o tema, como o que é capacitismo, termos pejorativos, experiências e relatos. Foi realizado uma dinâmica em grupo sobre o tema abordado, entre os alunos sobre capacitismo e os termos escutados nas suas vivências. Após o professor R. juntamente com os alunos e professoras A. e D. cantaram a música “ser diferente é normal”.

**Tabela 1:** Pesquisa-Ação: Roda de Conversa sobre Capacitismo e Preconceito

<b>Fase da Pesquisa</b>	<b>Objetivos da Ação</b>	<b>Ação Realizada</b>	<b>Resultados Observados</b>	<b>Reflexões e Ajustes</b>
<b>Diagnóstico (Início)</b>	Diagnosticar a conscientização dos alunos sobre capacitismo e preconceito.	Questionário pré-roda de conversa para avaliar conhecimento prévio.	Maioria dos alunos não compreende completamente o conceito de capacitismo.	Explicar melhor o conceito de capacitismo antes das atividades.
<b>Planejamento</b>	Planejar atividades para promover reflexão sobre capacitismo	Preparação da roda de conversa com temas sobre capacitismo, preconceito e inclusão.	Estrutura da roda definida com atividades interativas.	Atividades devem ser mais dinâmicas e incluir exemplos práticos.
<b>Implementação</b>	Implementar a roda de conversa.	Realização da roda de conversa com alunos do 3º e 9º ano sobre o tema.	Participação ativa dos alunos, discussões sobre estereótipos.	Alguns alunos mostraram resistência, abordagem mais acolhedora é necessária.
<b>Avaliação (Intermediário)</b>	Avaliar receptividade e impacto.	Questionário pós-roda de conversa para avaliar mudanças nas percepções.	Maioria dos alunos compreende melhor a discriminação relacionada à deficiência.	Alguns ainda têm dificuldades em associar preconceito à prática cotidiana.

<b>Reflexão Final</b>	Refletir sobre os resultados e sugerir melhorias.	Discussão sobre aprendizados, desafios e mudanças nas percepções.	Mudança significativa nas percepções sobre capacitismo.	Continuar com encontros regulares para aprofundar a conscientização.
-----------------------	---	---	---	--

**Fonte:** Dos autores, 2024.

Os alunos encerraram esta roda de conversa com uma visita à APAE, conhecendo de perto os diferentes setores e departamentos da instituição. Durante o passeio, tiveram a oportunidade de interagir com as diversas áreas e compreender melhor o funcionamento do ambiente. Ao final da visita, foi feita uma foto em grupo como lembrança do momento. A atividade foi concluída com um agradecimento especial a cada aluno e professor pela participação e colaboração, reforçando o impacto positivo da experiência para todos os envolvidos.

**Tabela 2:** Informações dos participantes

Nome do Participante	Profissão	Idade
B.	Aluno	Entre 14 e 18 anos
J.	Professor	Entre 40 á 50 anos
K.	Aluno	Entre 14 e 18 anos

**Fonte:** Dos autores, 2024.

## 2.6 Resultados e Discussões

As informações coletadas e observadas revelam que a maioria dos alunos sem deficiência do ensino regular desconhece o conceito de capacitismo, o que os leva a reproduzir atitudes preconceituosas de forma inconsciente. Por outro lado, os professores demonstram uma compreensão crescente sobre a importância de abordar esse tema em sala de aula e destacam os resultados positivos que surgem quando a questão é trabalhada de maneira consciente e pedagógica.

Ao participarem de rodas de conversa ou atividades pedagógicas que envolvem pessoas com deficiência, os alunos passam a se colocar no lugar do outro, desenvolvendo uma maior empatia em relação às pessoas com deficiência. Esse processo de humanização é essencial, pois, como destacam Mantoan (2006) e Sasaki (2010), o respeito às diferenças só ocorre quando se reconhece o outro em sua totalidade, como um sujeito pleno, com

habilidades, potencialidades e direitos. Nesse sentido, a escola não apenas ensina sobre o tema, mas também promove um ambiente mais acolhedor e inclusivo, onde todos são respeitados independentemente de suas limitações. Os alunos começam a perceber que as pessoas com deficiência possuem habilidades e potencialidades que vão além de suas limitações, promovendo uma mudança de percepção que é fundamental para combater o capacitismo em sua forma mais sutil e enraizada.

Por fim, a abordagem do capacitismo na escola gera uma cultura de inclusão, onde as diferenças são reconhecidas e respeitadas. Ao integrar essa temática de maneira contínua e estruturada nas práticas pedagógicas, as escolas desempenham um papel essencial na formação de cidadãos mais conscientes e engajados na luta contra todas as formas de discriminação, não apenas no ambiente escolar, mas na sociedade como um todo. Com isso, promove-se uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária, onde as barreiras do capacitismo começam a ser desconstruídas de forma eficaz.

As práticas realizadas no CAESP com alunos do Ensino Médio e 9º ano mostram-se fundamentais no combate ao capacitismo, promovendo inclusão, empatia e conscientização. A interação com pessoas com deficiência ajuda a desconstruir preconceitos, conforme apontado por Thomas (2004), que vê o capacitismo como uma negação da diversidade humana. Mantoan (2006) reforça que a inclusão vai além da presença física, exigindo participação real e digna. Já Freire (1996) destaca que a educação deve gerar consciência crítica e transformação social. Apesar dos avanços, ainda há desafios a superar, como o preconceito estrutural e a necessidade de formação contínua. Portanto, tais experiências devem ser valorizadas e integradas de forma permanente ao currículo escolar.

O aluno K. relatou que “Eu e meus colegas da EEB São Ludgero tivemos a oportunidade de visitar a APAE de São Ludgero”. Essa experiência foi muito enriquecedora, pois nos permitiu conhecer de perto o funcionamento da instituição, entender melhor o impacto do capacitismo e refletir sobre como podemos contribuir para uma sociedade mais inclusiva. Fomos recebidos pela equipe da APAE, que nos explicou sobre o trabalho realizado com os alunos, incluindo atividades pedagógicas, terapias e programas de inclusão social. Também tivemos a chance de interagir com os estudantes da instituição, o que nos fez perceber como cada um tem suas próprias habilidades e potencialidades, mesmo que a sociedade ainda imponha muitas barreiras.

Durante a visita, ouvimos dos próprios alunos da APAE relatos sobre o capacitismo e como isso afeta suas vidas. Essas conversas foram muito impactantes, pois nos fizeram refletir sobre atitudes do dia a dia que, muitas vezes, reforçam essa discriminação sem que a gente perceba. A troca de experiências foi essencial para quebrar estereótipos e desenvolver um olhar mais empático. Saí da visita com uma nova perspectiva sobre inclusão e acessibilidade. Percebi que pequenas mudanças na forma como tratamos e incluímos as

peças com deficiência podem fazer uma grande diferença. Essa experiência me fez pensar sobre a importância de respeitar e valorizar as diferenças, além de reforçar a necessidade de combater o capacitismo em nossa sociedade. Agradeço à EEB São Ludgero e à APAE pela oportunidade de vivenciar esse momento tão enriquecedor. Tenho certeza de que essa visita trouxe aprendizados que levarei para a vida toda.

O relato do aluno K. sobre a visita à APAE de São Ludgero evidencia uma experiência significativa de aprendizagem, tanto cognitiva quanto emocional, ao vivenciar uma realidade muitas vezes invisibilizada no cotidiano escolar. A atividade proporcionou um contato direto com pessoas com deficiência, promovendo a empatia e o rompimento de estereótipos, conforme destacado por o próprio estudante. Essa vivência se alinha ao que Santos (2021, p. 1) afirma: "Desconstruir a naturalização do capacitismo é um caminho para repensarmos o modo em que vivemos [...]". O autor reforça a importância de experiências que promovam a reflexão crítica sobre práticas excludentes enraizadas na sociedade.

Ao relatar que pequenas mudanças na forma como tratamos e incluímos as pessoas com deficiência podem fazer uma grande diferença, o aluno evidencia um processo de conscientização que Freire (1996) chamaria de práxis transformadora, ou seja, reflexão e ação conjunta sobre a realidade para transformá-la. Nesse contexto, a visita deixa de ser apenas uma atividade extracurricular e se transforma em um espaço pedagógico de formação cidadã, onde os alunos são convidados a repensar seus papéis sociais e sua responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A professora J. que acompanhou as turmas do ensino regular relata que: "A visita à APAE e a roda de conversa sobre capacitismo proporcionaram uma experiência enriquecedora para nossos alunos, despertando reflexões sobre inclusão e respeito às diferenças". Foi um momento de aprendizado que reforçou a importância de combater preconceitos e reconhecer as potencialidades de todas as pessoas, independentemente de suas limitações. Na dúvida de como chamar uma pessoa com deficiência, chame pelo nome". É essencial desenvolver uma consciência inclusiva, nossos alunos tiveram a oportunidade de enxergar as pessoas além de suas dificuldades e valorizando suas habilidades.

Durante a roda de conversa, nossos alunos puderam compreender que a inclusão vai além do acesso físico a espaços; trata-se de garantir oportunidades iguais e promover um ambiente acolhedor para todos. Essa vivência certamente contribuiu para uma mudança de perspectiva, incentivando atitudes mais respeitadas e justas no dia a dia. A conscientização sobre o capacitismo é um passo fundamental para construir uma sociedade mais acessível e humana. Pequenas ações, como ouvir, apoiar e respeitar faz toda a diferença. Que possamos continuar aprendendo e promovendo a inclusão em todos os espaços, enfatiza a professora.

A fala da professora J. reforça o valor educativo da visita à APAE e da roda de conversa sobre capacitismo como momentos de aprendizagem significativa. Ela destaca que a inclusão

vai além do acesso físico, sendo essencial criar uma cultura de respeito e valorização das diferenças. Esse olhar está alinhado com autores como Mantoan (2006), que defende uma escola que reconhece as potencialidades de todos os alunos, e com Freire (1996), que propõe uma educação humanizadora e transformadora.

A afirmação na dúvida, chame pelo nome simboliza o rompimento com práticas capacitistas, centrando-se na identidade da pessoa e não em sua deficiência. A vivência proporcionada aos alunos permitiu a reflexão crítica sobre atitudes discriminatórias, incentivando a empatia e o respeito. Como destaca Araújo (2018), é pela ação que se forma o ser humano consciente e experiências como essa promovem exatamente essa construção ética e cidadã.

Uma frase da aluna A., que possui deficiência, chamou a atenção de B., uma aluna do nono ano. Em uma conversa com colegas, B. relatou como uma reflexão simples, mas poderosa, de A., fez com que ela percebesse que, muitas vezes, a sociedade enxerga a deficiência antes de ver a pessoa como um todo.

A reflexão da aluna B., ao perceber que muitas vezes a deficiência é enxergada antes da pessoa, revela uma tomada de consciência sobre o capacitismo, conforme definido por Thomas (2004), que o descreve como a ideia de que a deficiência é uma falha a ser corrigida. Essa percepção destaca a importância de enxergar a deficiência como parte da diversidade humana, e não como algo que diminui o valor da pessoa. Autores como Mantoan (2006) e Freire (1996) reforçam que a inclusão verdadeira se dá quando valorizamos o sujeito em sua totalidade e promovemos uma educação que estimula a empatia, o respeito e a transformação social.

O combate ao capacitismo exige ações que vão além do ambiente escolar, envolvendo toda a comunidade. A promoção de eventos, seminários e parcerias com escolas, empresas e instituições públicas é essencial para ampliar a conscientização e fortalecer redes de apoio à inclusão. Autores como Sasaki (2010) e Mantoan (2006) defendem que a inclusão é um compromisso coletivo e ético, enquanto Freire (1996) destaca a importância da conscientização e da ação transformadora. Assim, a articulação entre diferentes setores contribui para mudanças culturais duradouras e uma sociedade mais justa e acolhedora.

### **3 Considerações Finais**

Refletir sobre o capacitismo implica analisar toda a trajetória histórica das pessoas com deficiência, considerando um recorte temporal e espacial. O termo capacitismo tornou-se uma designação específica, pois nomeia e dá significado a um fenômeno já presente na sociedade: a discriminação e o preconceito contra indivíduos com deficiência. Ver a pessoa com deficiência a partir de uma perspectiva pré-estabelecida e limitante decorre de uma

construção sócio histórica de ideias que sustentam uma série de preconceitos. Esses estereótipos são disseminados nas mais diversas esferas sociais e afetam todas as pessoas com deficiência, pois pressupõem que essas pessoas têm limitações que as tornam incapazes em todos os aspectos da vida, suprimindo suas capacidades por meio de um discurso totalizante e excludente.

O capacitismo se manifesta de várias formas, desde atitudes subtis e mensagens subliminares até agressões explícitas, físicas ou verbais. Tais comportamentos, muitas vezes involuntários, geram sofrimento, e erradicá-los exige mudanças culturais profundas. Embora os direitos das pessoas com deficiência sejam discutidos, elas ainda enfrentam muitas barreiras sociais e de acessibilidade, o que prejudica sua inclusão.

Embora existam leis e normativas voltadas para a inclusão, elas precisam ser aprimoradas, especialmente no âmbito das políticas públicas, para garantir que sejam efetivas e amplamente utilizadas. A inclusão escolar também precisa ser repensada para garantir não apenas a presença, mas a verdadeiro pertencimento dos alunos com deficiência no ambiente educacional.

Para que a sociedade seja mais justa e igualitária, é crucial que professores, alunos e a sociedade como um todo combatam o capacitismo e repensem suas práticas cotidianas, garantindo a inclusão de todos. A construção de uma sociedade inclusiva envolve a integração das pessoas com deficiência, criando condições para que participem ativamente, sem serem vistas como vulneráveis ou incapazes.

Por fim, a disseminação de informações sobre o capacitismo e seus efeitos prejudiciais é essencial para promover uma transformação social. A compreensão do conceito e das implicações do capacitismo é crucial para modificar atitudes e alcançar uma sociedade mais inclusiva, sem preconceitos.

## Referências:

---

ARAUJO, C. A. Á. O que é Ciência da Informação. Belo Horizonte: KMA, 2018.

AUGUSTIN, I. R. L. Concepções de membros do Conselho Municipal de Educação acerca da educação da pessoa com deficiência intelectual. 2012. 113 f. *Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul*, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/644>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 10 dez. 2024.

DICIONÁRIO anti capacitista. [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <http://blog.nubank.com.br/tag/capacitismo/>. Acesso em: 19 dez. 2024.

FRANÇA, T. H. Modelo social da deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 59-73, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/neils/article/view/20313>. Acesso em: 24 jan. 2025.

GUEDES DE MELLO, A. Precisamos falar sobre capacitismo. In: MARTINS, C. R. et al. (org.). *Deficiência e interseccionalidades: uma introdução aos estudos anticapacitistas*. Florianópolis: UFSC, 2022. p. 15-34.

IGNARRA, C; SAGA, B. Manual anticapacitista: o que você precisa saber para se tornar uma pessoa aliada contra o capacitismo. São Paulo: *Jandira*, 2023. 160 p.

MIZAEL, T. M. Análise do comportamento e preconceito: relações entre capacitismo, racismo e outras formas de opressão. In: SOUSA, João; LOPES, Mariana (org.). *Psicologia e diversidade: práticas e reflexões interseccionais*. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 103-125.

SILVEIRA, B. P. da; PIMENTEL, G. H. Inclusão além das barreiras: desafiando o capacitismo no ambiente escolar. *Revista de Educação da Faculdade SESI-SP*, São Paulo, v. 1, p. 35, 2024. Disponível em: [https://revistacientifica.sesisp.org.br/index.php/nee\\_arandu/article/view/35](https://revistacientifica.sesisp.org.br/index.php/nee_arandu/article/view/35). Acesso em: 10 maio 2025.

SOLVALAGEM, A. L; BARROS, A. P. do N; GUEDES DE MELLO, A; ANGELUCCI, C. B; GOMES, D. M. Estudos da deficiência: anticapacitismo e emancipação social. *Curitiba: CRV*, 2022. 320 p. ISBN 978-65-00-00002-4.

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o capacitismo. In: Simpósio internacional repensando mitos contemporâneos, 3., 2019, Campinas. *Anais. Campinas: UNICAMP/SOFIA*, 2019. p. 16-25. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4389>. Acesso em: 8 dez. 2024.

---